

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CLÁUDIA ARIANDA DE SÁ MARQUES
LIDIA DE SÁ MACHADO
VANDA MEIRE CARDOSO MEDEIROS

PROBLEMAS QUE OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ENFRENTAM COM
RELAÇÃO AO TDAH

ANÁPOLIS – GO
2019

CLÁUDIA ARIANDA DE SÁ MARQUES
LIDIA DE SÁ MACHADO
VANDA MEIRE CARDOSO MEDEIROS

PROBLEMAS QUE OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ENFRENTAM COM
RELAÇÃO AO TDAH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

ANÁPOLIS – GO
2019

CLÁUDIA ARIANDA DE SÁ MARQUES
LÍDIA DE SÁ MACHADO
VANDA MEIRE CARDOSO MEDEIROS

PROBLEMAS QUE OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ENFRENTAM COM
RELAÇÃO AO TDAH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
ORIENTADORA

Ma. Marisa Roveda
CONVIDADO

Me. Tobias Goulão
CONVIDADO

PROBLEMAS QUE OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ENFRENTAM COM RELAÇÃO AO TDAH

PROBLEMS EDUCATION PROFESSIONALS FACE ADHD

Cláudia Arianda de Sá Marques*
Lídia de Sá Machado**
Vanda Meire Cardoso Medeiros***

Aracelly Rodrigues Loures Rangel****

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a dificuldade dos professores com alunos portadores de (TDAH) Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, pois atualmente muito se tem falado a respeito do uso de diagnósticos para justificar problemas de aprendizagem, de comportamento, ou até mesmo dificuldades com pais em educar seus filhos. O interesse para desenvolver este tema surgiu de situações vivenciadas na sala de aula da escola em que trabalho onde, de certa forma, me senti impossibilitada de conduzir uma criança com TDAH a ter uma aprendizagem igual aos demais. Este trabalho aborda o professor e o seu preparo para o enfrentamento dessa realidade, o professor no contexto da sala de aula como mediador e suas dificuldades em incluir o aluno com TDAH. A prática pedagógica adequada em face do processo de inclusão é de fundamental importância, sendo necessária que o professor se perceba como um facilitador dos processos de aprendizagem. A falta de conhecimento do professor no assunto inibe o mesmo de realizar o trabalho com eficiência. Conclui-se que é necessário proporcionar ao ambiente escolar mais conhecimento sobre o TDAH oferecendo palestras, cursos e material pedagógico, visando qualificar o professor para melhor

* Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

1. *E-mail: claudiaarianda@hotmail.com*

** Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

2. *E-mail: lidiamachado15@hotmail.com*

*** Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

3. *E-mail: vandameiregopiri@gmail.com*

**** Graduada em Letras, Assessoria Linguística e Revisão Textual.

E-mail: aracellyloures2008@hotmail.com

atender a criança portadora de TDAH.

Palavras-chave: Dificuldades. Práticas pedagógicas. Transtorno. Déficit de Atenção Hiperatividade.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the difficulty of teachers with students with ADHD (Attention Deficit Hyperactivity Disorder), because much has been said today about the use of diagnostics to justify learning problems, behavior, or even difficulties. With parents in raising their children. The interest to develop this theme arose from situations experienced in the school classroom where I work where, in a way, I felt unable to lead a child with ADHD to have a learning just like the others. This paper approaches the teacher and his preparation to face this reality, the teacher in the context of the classroom as a mediator and their difficulties in including the student with ADHD. Proper pedagogical practice in the face of the inclusion process is of fundamental importance, and it is necessary that the teacher perceives himself as a facilitator of the learning processes. The teacher's lack of knowledge on the subject inhibits the teacher to do the work efficiently. It is concluded that it is necessary to provide the school environment with more knowledge about ADHD by offering lectures, courses and educational material, aiming to qualify the teacher to better serve the child with ADHD.

Keywords: Difficulties Pedagogical practices. Disorder. Attention Deficit Hyperactivity Disorder.

1 INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa foi motivada diante da necessidade de trabalhos que analisem o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, em meio que, é um tipo de transtorno neurológico, que surge na infância, provido do fator genético, e em muitos casos acompanhando o indivíduo em sua vida adulta (BARKLEY, 2008).

Ainda conforme as reflexões de Barkley (2008, p.89).

Os indivíduos com TDAH costumam ser considerados portadores de dificuldades crônicas com a desatenção e/ou impulsividade-hiperatividade. Acredita-se que representem essas características desde cedo em suas vidas, em um grau excessivo e inadequado para a idade ou nível de desenvolvimento, e entre uma variedade de situações que excedem a sua

capacidade de prestar atenção, restringir movimentos, inibir impulsos e regular o próprio comportamento no que diz respeito às regras, ao tempo e ao futuro

Desse modo, as principais características ou sintomas são a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade, resultando na dificuldade de relacionamento com a família, com outras crianças e professores no ambiente escolar.

Portanto, os sinais de TDAH começam a se evidenciar na escola principalmente quando as crianças começam a ser alfabetizadas, os portadores de TDAH, são descritos como inquietos, agitados e desobedientes ou que “vivem no mundo da lua”, gerando dificuldades de aprendizagem provocadas pela falta de concentração (GONÇALVES, 2010).

Nesta perspectiva, estes sintomas se iniciam antes dos 7 anos de idade embora a maioria seja diagnosticada após a manifestação destes por alguns anos, podendo-se observá-los em situações dentro de casa, na escola ou no trabalho. O transtorno é observado a partir de três subtipos: os que apresentam predominantemente as dificuldades de atenção, os que prevalecem a impulsividade e a hiperatividade e os que combinam os dois anteriores.

Diante deste contexto, o tipo com predomínio de sintomas como desatenção é mais frequente no sexo feminino e parece apresentar conjuntamente com o tipo combinado. Nos tipos que apresentam, predominantemente, as dificuldades de atenção são características marcantes de falta de atenção e dificuldade para se ater aos detalhes, o que ocasiona erros grosseiros nas atividades, sejam elas escolares ou não. Apresenta ainda uma falta de organização o que dificulta ainda mais o cumprimento de suas atividades (GONÇALVES, 2010).

Nota-se que no tipo combinado no qual concomitantemente apresenta sintomas de ambos os subtipos, as pessoas com déficit de atenção se distraem com facilidade diante do menor estímulo interrompendo continuamente suas atividades. Nelas, a hiperatividade se manifesta não só como inquietação motora, mas também intelectual e verbal. A impulsividade se evidencia por respostas aceleradas, dificuldade de autocontrole, auto regulação, dificuldade em seguir instruções de forma sequenciada e pausada, e de antecipar as consequências de seus atos. De acordo com ABDA, o TDA/H recebeu diversas denominações.

Logo, as mais conhecidas foram: síndrome da criança hiperativa, lesão cerebral mínima, disfunção cerebral mínima, transtorno hipercinético. O termo

oficialmente adotado pela Associação Americana de Psiquiatria segundo Brow (2007) foi o de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade, significando que a barra inclinada, na escrita da terminologia TDA/H indica que o problema pode ocorrer com ou sem o componente da hiperatividade, porém é considerado o sintoma mais importante e definidor do quadro.

No contexto atual, observa-se que há um crescimento das pesquisas em torno desta temática, sobretudo nesta área médica, embora se observe uma escassez de estudos em pedagogia que visem compreender a relação entre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor, sua postura, e o desempenho escolar do aluno. A compreensão desse transtorno, a identificação precoce e posterior intervenção em sala de aula são fundamentais para uma atuação eficaz do pedagogo.

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória com o objetivo de desenvolver uma familiaridade com o tema da pesquisa de modo a compreender como as coisas funcionam diante de um determinado âmbito. Sendo assim, a pesquisa baseou-se em estudos de autores, como por exemplo, Benczik (2002), Cypel (2003), Condemarín et al., (2006), dentre outros pensadores que confeccionaram trabalhos pertinentes ao assunto. Todavia, é importante ressaltar que o “leque” de autores tende a aumentar no decorrer em que a leitura vem a ser desenvolvida. Desta forma, foi necessária uma revisão bibliográfica, que consiste em reunir os dados nos quais a investigação irá se basear. Por fim, o estudo teve caráter essencialmente qualitativo, com ênfase nos conceitos e ideias levantados com toda a pesquisa bibliográfica.

Acerca desta questão, o objetivo geral deste trabalho foi: avaliar as dificuldades que os profissionais de educação enfrentam com alunos que têm TDAH. Enquanto que, os objetivos específicos foram: apontar as possíveis causas do TDAH, descrever a má formação do docente na inclusão de alunos com TDAH e suas consequências e, por fim verificar o que pode ser feito para melhorar a aprendizagem do aluno com TDAH.

Assim sendo, este trabalho será estruturado em seções. A primeira seção 1. apresentada na introdução, relata um breve conceito sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH. 2. Possíveis causas da TDAH. 3. A má formação do docente na inclusão de alunos com TDAH e suas consequências. 4. O que pode ser feito para melhorar a aprendizagem do aluno

do com TDAH?. 5. Considerações Finais. 6. Referências Bibliográficas.

2 POSSÍVEIS CAUSAS DA TDAH

A presente seção tem por finalidade fomentar o debate que caracteriza as possíveis causas do TDAH, pois apesar de todos os estudos realizados para tentar descobrir as possíveis causas do TDAH, elas ainda continuam desconhecidas e embora hipóteses existam em abundância, nenhuma responde satisfatoriamente por todos os casos.

Muitos estudos são feitos para saber ao certo quais são as possíveis e verdadeiras causas do TDAH, estas que provêm de origem genética ou biológica. Estima-se também que alguns fatores ambientais contribuem para o aparecimento do transtorno, porém o fator genético é o preponderante.

De acordo com Gonçalves *apud* Barbosa et al., (2005, p.05), no que se refere às causas genéticas:

[...] o comportamento dos pais, aflitos e agitados pode proporcionar que uma criança tenha hiperatividade e esta criança mesmo não existindo outros membros na família com TDAH pode desencadear problemas comportamentais em outros membros pela difícil convivência e pelo ambiente caótico que geram [...]

Em complemento a citação anterior, Mello (2009) enfatiza que algumas pesquisas realizadas com famílias, gêmeos e pessoas adotadas sugerem que a mais provável causa do TDAH é hereditária, uma vez que, estudos relatam que no caso de gêmeos há uma herança bastante alta que pode chegar a 70% em algumas investigações. Outro fato é a prevalência do transtorno entre parentes das crianças atingidas serem duas vezes maior que na população no geral.

Seguindo esta linha de raciocínio, no que diz respeito às causas biológicas:

1. Altos níveis de chumbo no sangue produzem transtornos cognitivos e comportamentais em algumas crianças, estando estes associados a maior risco de comportamento hiperativo e desatenção (BARKLEY, 2002).
2. Crianças que experimentam perdas ou separações precoces apresentavam sintomas característicos deste transtorno, como descrevem Arnold e Jensen (1999). Os estressores sociais devem contribuir de alguma forma para o desenvolvimento ou gravidade dos sintomas, já que os sintomas de TDAH são intensificados por estresse, situações não-estruturadas e por exigências complexas por desempenho.
3. Substâncias ingeridas na gravidez. Barkley (2002) aponta que as crianças nascidas de mães alcoolistas apresentam maior risco de

problemas de comportamento com hiperatividade e falta de atenção, e até mesmo com TDAH clínico. As mães podem ser responsáveis diretas pelo desenvolvimento do TDAH em seus filhos, pelo hábito de fumar e álcool, submetendo-o a ingerirem estas substâncias que causam prejuízos à saúde e podem também ser causadoras de TDAH (BARBOSA et al., 2005, p.16 *apud* GONÇALVES, 2010).

No âmbito da Pedagogia, o TDAH está relacionado às dificuldades nas percepções e, por hora, na aprendizagem. A Psiquiatria explicando o TDAH como sendo um excesso de atividade motora, impulsividade e ausência de atenção. Esta abordagem comportamental por sua vez procura diagnosticar o transtorno.

Segundo Arnold e Jensen (1999), apesar de estar caracterizado por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade, existem diferentes quadros clínicos, bem como várias possibilidades de tratamento, indicando que pelo menos ao nível fenotípico, o TDAH é uma patologia bastante heterogênea.

Em complemento a citação anterior, de acordo com alguns autores como Benczik (2002), Cypel (2003), Condemarín et al., (2006), dentre outros, os conhecimentos atuais em relação ao TDAH não permitem estabelecer uma etiologia precisa. Assim, chama atenção a grande quantidade de hipóteses (etiológicas) coexistentes, sem que nenhuma delas seja satisfatória nos casos, como por exemplo: genética, traumáticas, infecciosas, tóxicas, perinatais, familiares e emocionais, ou seja, citando apenas as mais importantes. É necessário ressaltar, no entanto que “como em vários distúrbios do desenvolvimento, existe também nesta condição uma multiplicidade de fatores que poderão estar interferindo e nem sempre serão os mesmos para todas as crianças” (CYPEL, 2003, p.29).

Em relação a imaturidade emocional, Riesgo e Rohde (2004) apontam que, alguns eventos pré ou perinatais como por exemplo, o baixo peso ao nascer, a exposição ao álcool ou cigarros durante a gestação, aumentam o risco para o desenvolvimento do TDAH que está associado a uma permanência de imaturidade, ou melhor de ilhas de imaturidade, em um curso maturacional normal e progressivo, mas um pouco mais lento em determinados setores.

De acordo com Benczik (2002) *apud* Lima (2011, p.23), durante muitos anos, estes quadros de sintomas da TDAH esteve relacionado a algum tipo de lesão cerebral, por analogia com o que ocorrera em décadas passadas em pacientes que tiveram o diagnóstico de encefalite, isto é, como nem todos os casos podem ser explicados por algum fator predisponente genético, alguns investigadores sugerem a presença de anormalidades durante a gestação e o parto.

Nas reflexões do autor, tem se visto que o uso de nicotina, álcool, drogas e/ou outros tóxicos, quando ingeridos durante a gravidez, podem causar alterações em algumas partes do cérebro do bebê. Algumas pesquisas indicam que as mães que fizeram uso destas substâncias no período gestacional tem mais chance de terem filhos com problemas de TDAH.

Desta forma, percebe-se que as causas do TDAH podem ter um sintoma isolado ou um conjunto de fatores devido a isso, tornando-se imperioso um diagnóstico detalhado por diferentes profissionais, como por exemplo: psicólogos, psicopedagogos e neuropsicólogos. Contudo, apesar dos variados fatores que influenciam o desenvolvimento do TDAH, cada vez mais constata que a etiologia do transtorno é neuro-genético-ambiental. O TDAH é um transtorno multifatorial.

No entanto, outra questão que está relacionada ao TDAH são as variáveis do seu diagnóstico, podendo ser diferentes conforme a cultura de cada país. Nos EUA, por exemplo, as pessoas diagnósticas com TDAH acabam sendo rotuladas como “sujeitos anormais”, diante do impacto econômico negativo causada por estes indivíduos. Sendo elas também vítimas destes discursos, afinal são vistos como um setor de risco da sociedade (CALIMAN, 2008 *apud* CORREIA, 2014).

Consequentemente, sobre o índice de indivíduos predisponentes a desenvolver o TDAH, Benczik (2002) afirma que isso depende de vários fatores, incluindo a população estudada, métodos de avaliação utilizados e critérios diagnosticados empregados. A autora ressalta ainda que não existe uma explicação científica para lançar luz sobre esta aparente vulnerabilidade. Acredita-se que o que acontece é que em amostrar clínicas os meninos são mais encaminhados para tratamento do que as meninas, diante do fato de desenvolverem problemas de conduta que incomoda muito os adultos.

Lima (2011) traz ainda que os educadores, geralmente cifram o número de crianças com TDAH na idade escolar entre 15% e 20%. Isto se justifica pelo fato de os sintomas aparecerem, normalmente, cedo na vida da criança, porém acabando se tornando mais graves a partir do ingresso destas no ambiente escolar, afinal é durante o processo de ensino-aprendizagem que a criança necessita focar mais sua atenção durante as aulas.

Rohde e Benczik (1999) salientam ainda que existem algumas modificações nos sintomas mais evidentes do transtorno de acordo com a faixa etária, isto é, em crianças entre 3 e 6 anos os sinais e sintomas mais evidentes são os de

hiperatividade associada a dificuldades de tolerar limites e frustrações. Zagury (2003) complementa a citação anterior quando ressalta que nesta mesma faixa etária muitas vezes ocorrem alguns comportamentos inadequados, porém que não prejudicam ninguém, e que as emoções ainda são muito fortes e pouco controladas.

Ainda de acordo com Zagury (2003), na idade entre 7 e 12 anos, destaca-se uma combinação variável de sinais e sintomas na área de distração ou desatenção, hiperatividade e impulsividade. Posteriormente, na adolescência (12 anos em diante), os sintomas mais evidentes passam a ser desatenção e impulsividade.

Assim, Orjales (2007) *apud* Correia (2014) determina o professor como peça chave para o tratamento, em meio que, ele ajudará o médico a regular a dosagem dos medicamentos, já que o efeito dos mesmos dura somente o período escolar, e ele é o único que poderá informar sobre a recuperação da criança.

Deste modo, nas reflexões de Freitas (2011) *apud* Ritcher (2012, p.36), o que podemos perceber é que cada vez mais as crianças vêm sendo diagnosticadas com TDAH, e é muitas vezes no âmbito escolar que este transtorno é observado, pois a tendência é que as crianças permaneçam maior tempo na escola do que em ambiente familiar.

Acerca desta questão, o que se percebe é que os professores têm a difícil tarefa de “competir” com toda esta tecnologia, obtendo o desafio de proporcionar para estas crianças aulas mais dinâmicas e atrativas. Porém, muitas vezes isto não acontecem em determinados meios, resultando em um aluno desinteressado nas aulas, causando também muitas vezes a desatenção, sendo este um dos princípios básicos a serem observados em crianças com TDAH, isto é, alunos com “déficit de atenção” podem ser precocemente diagnosticadas com TDAH.

Conseqüentemente, o professor exerce um papel fundamental na vida do aluno. Portanto é essencial que ele esteja preparado e conte com uma equipe para dar suporte composto de profissionais na área de psicologia e neurológica para planejarem estratégias funcionais, assim, o aluno com TDAH seria realmente incluso na aprendizagem juntamente com os demais.

Assim sendo, a partir destes dados iniciais, no próximo tópico será discutida como a má formação do docente influencia na inclusão de alunos com TDAH, bem como, as demais conseqüências.

3 A MÁ FORMAÇÃO DO DOCENTE NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TDAH E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O papel da escola é essencial para o desenvolvimento global da criança, incluindo o desenvolvimento social e de linguagem, sobretudo para as que são portadores de TDHA. O professor tem papel fundamental no auxílio da criança que apresenta sinais de TDHA.

Segundo Rohde et al., (2003), o professor que ensina a alunos com TDAH também necessita adaptar seu processo de ensino para atender as necessidades do aluno, devendo ser flexível e dinâmico nas aulas através de uma metodologia que facilite a aprendizagem do estudante por meio de adequações curriculares.

Por falta de um conhecimento profundo na área e de preparo, alguns professores deixam de exercer a sua função que é de promover a inclusão dessas crianças que apresentam o TDAH, pois elas muitas vezes são excluídas do processo de aprendizagem por se acharem incapazes de aprender e de seguir o ritmo dos outros alunos.

A escola que não está preparada para lidar com crianças que tenham problemas de comportamento com hiperatividade em classe, gera ansiedade no professor que desconhece a melhor forma de lidar com esta situação, dificultando as relações com os demais alunos, assim, os professores e colegas acabam exigindo condutas que a criança com TDAH não consegue corresponder, gerando rejeições devido à falta de informação acerca do transtorno. Portanto diante desse fato, a falta de capacitação de alguns profissionais da docência pode contribuir para que essas características se acentuem de forma visível no desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo desses alunos.

[...] preventivamente, cabe examinar a formação inicial de todos os professores, de modo a assumirem a perspectiva da educação para todos ao longo de toda a trajetória profissional, aliando qualidade com equidade. ” Pensamos que não basta receber tais alunos para a mera socialização, o que seria mais uma forma de exclusão, é necessário um atendimento que oportunize o desenvolvimento efetivo de todos, para isso, torna-se primordial que o professor tenha uma prática reflexiva e fundamentada. Que busque capacitar-se, visto que somente a formação inicial pode não ser suficiente para o enfrentamento de questões tão sérias e por vezes difíceis de lidar. O art. 18 Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica dispõe sobre os professores e sua formação para atuar no contexto inclusivo: “ [...] professores capacitados e especializados, conforme previsto no artigo 59 da LDBEN [...] a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação

plena. (BRASIL, 2001, p.77).

Nota-se que os professores não têm acesso a capacitação para lidar com alunos que apresentam TDAH. A ausência de formação específica por parte dos poderes públicos que auxilie os professores, bem como a falta de orientação por parte da escola também são fatores que demonstram claramente que a inclusão não está sendo feita do modo como está previsto na lei de diretrizes e bases da educação (LDB), pois há alunos portadores TDAH, assim como muitos outros alunos com necessidades educacionais especiais nas salas de aula sem quaisquer adequações curriculares necessárias a inclusão.

Para que a criança obtenha um progresso intelectual, além de serem capazes de aprender, devem ter oportunidades apropriadas para isto. O sistema Educacional deve oferecer uma educação para que os alunos desenvolvam sua capacidade de formação contínua. Muitos alunos com problemas de aprendizagem se tornam vítimas da incapacidade das escolas em ajustar-se as diferenças individuais de cada um.

A escola é um espaço privilegiado para o bom desenvolvimento e o professor deverá ser o motivador para que a aprendizagem aconteça com resultados positivos. Para a criança obter um progresso intelectual e ser capaz de aprender, deve ter oportunidade e é obvio que professores pouco treinados e sem materiais didáticos adequados comprometem a capacidade dos alunos.

Apesar dos avanços muitas instituições de ensino ainda não implementaram ações que favoreçam a formação dos seus professores para trabalharem com a inclusão, além disso é importante que eles compreendam e possuam conhecimento básico que os auxiliem a se aproximar da criança que apresenta alguma deficiência para garantir a ela o direito a aquisição das capacidades.

É necessário adequar os conteúdos para facilitar o progresso do aluno com necessidades especiais e o professor tem que ter disponibilidade e muito interesse em buscar práticas pedagógicas que possam atender satisfatoriamente essas necessidades.

É importante também ressaltar a falta de interesse de alguns profissionais, uma vez que, muitos se queixam de falta de tempo e disposição para elaborar uma aula que seja atrativa e que desperte a aprendizagem do aluno.

Compreende-se que o cotidiano dos alunos com TDAH é de fato muito difícil,

pois se não bastasse o déficit de atenção, existe o fator da hiperatividade que torna o aluno mais disperso. Também é importante salientar que o professor precisa refletir sua prática pedagógica, uma vez que tem consciência de estar atuando em um sistema educacional inclusivo e sujeito a falhas e ele mesmo precisa buscar conhecimento necessário para desempenhar sua função docente, partindo do enfoque crítico sobre a educação e do seu papel social.

Os professores precisam de formação adequada que contemple a inclusão em sala de aula. Sabe-se que o professor não deve diagnosticar o transtorno, mas deve ter conhecimento necessário sobre ele para fazer uma identificação correta e tomar as providências que lhe são cabíveis.

Os professores devem ter cuidado para não diagnosticar, mas apenas descrever o comportamento e o rendimento do aluno propondo um possível curso de ação, por isso é necessário que haja aproximação das famílias com a escola, principalmente para que se tenha comunicação entre pais e professores promovendo trocas de experiências, dessa forma é crucial o papel do professor na busca por informações que possibilitem a melhoria no cotidiano escolar e social do aluno portador de TDA/H.

Muitos professores, após constatar que um aluno apresenta os sintomas de TDAH, se sentem sozinhos e a família nesse momento tem que ser parte importante juntamente com a escola para que ocorra o processo de ensino/aprendizagem, no entanto a maioria das famílias se nega a aceitar que o filho ou filha necessite de cuidados especiais. Essa criança tem que passar por um médico que emitirá um laudo atestando tal condição, sem esse laudo o aluno fica sem atendimento especializado.

O aluno portador de TDA/H necessita de uma educação especial, com direito a atividades, avaliações e provas diferenciadas, com mais tempo se necessário for. A lei 9.394/96 reforça a importância do atendimento educacional a pessoas com necessidades especiais preferencialmente em escolas regulares, estabelece também que sejam criados serviços de apoio especializado, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas para atender as peculiaridades dos alunos, destaca ainda, a necessidade de capacitar docentes para as dificuldades de aprendizagem.

Além de formação adequada para o atendimento da inclusão também há a necessidade de comprometimento do professor e da professora de apoio. As

professoras de apoio, na maioria das vezes, não estão preparadas para acompanhar o aluno portador de TDA/H, seja por falta de aperfeiçoamento ou até mesmo de interesse em conhecer mais o assunto para atender e entender melhor o seu aluno.

A falta de conhecimento e entendimento sobre o assunto pode acarretar prejuízos psicológicos e sociais, assim, escolas, pais, professores e a própria criança precisam entender sobre o assunto. A afetividade é quem direciona todos os nossos atos e é o elemento que mais influência na formação do nosso caráter.

4 O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR A APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TDAH?

Lima (2011) inicialmente aponta que um trabalho responsável, pautado no bom senso e na boa vontade por parte dos professores e da equipe escolar, pode proporcionar de modo eficaz e competente na reintegração da criança portadora de TDAH nos grupos sociais. Embora, seja preciso desenvolver habilidades de relacionamento social, estimular o interesse para os estudos, valorizar seu aprendizado, elogiar o esforço, as atitudes positivas e as qualidades que possui.

No que diz respeito à sala de aula, o professor precisa dar um novo formato a sua aula, tornando-as dinâmicas e objetivas, com atividades que sejam motivadoras. Também terá papel imprescindível o professor que procura estar sempre próximo do aluno, estabelecendo combinados, trabalhando a importância das regras e limites e avaliando-o diariamente de forma a promover sua autoestima.

Para Mello (2009) é importante que em primeiro lugar o professor tenha noção do que é o transtorno, seus sinais e sintomas e as manifestações em sala de aula. Assim ele pode estabelecer estratégias para que a criança obtenha a melhor aprendizagem possível.

Condemarán et al., (2006) e Benzick (2002) afirma que é preciso que o professor de sala de aula reflita sobre alguns fatores e perceba a importância deles para lidar com alunos portadores de TDAH, buscando aplica-los conforme as possibilidades, no grupo escolar como um todo, e, que venha a constar que a sua aplicabilidade funciona em toda a classe e não tão somente a um pequeno grupo de alunos hiperativos.

Diante deste contexto, no **Quadro 01** serão demonstradas algumas adaptações pedagógicas que podem ser realizadas dentro da sala de aula:

Quadro 01: Adaptações pedagógicas na sala de aula

Programas voltados para o comportamento do aluno
Programas voltados ao ensino de habilidades de convivência social
Programas voltados a Educação Acadêmica
Aula contextualizada integrada
Ordens verbais e escritas
Orientar e ajudar a organizar as matérias
Combinar e cumprir
Trabalhar elogiando os aspectos
Flexibilidade na conduta pedagógica

Fonte: Próprias Autoras (2019)

Segundo Mattos (2001) *apud* Mello (2009, p.31), o professor além de outras características, deve ver na criança com TDAH “uma pessoa que tem potencial (podendo ou não se desenvolver), interesses particulares, medos e dificuldades e tem que estar realmente interessada em ajuda-la”.

É imprescindível a importância do apoio, paciência, persistência e busca de alteridade, compreensão e conhecimento para compreender o ser humano com hiperatividade, principalmente, por tudo o que foi apresentado no decorrer deste trabalho. Após, espera-se que todos se dediquem para melhor ajudar o portador de TDAH valorizando sempre o seu esforço para ser aceito, suas qualidades e atitudes positivas, afinal, na verdade, eles se sentem muito frustrados quanto seus professores, quando não aprendem.

Por fim, com base nestas discussões a respeito da TDAH e o papel do pedagogo, no próximo item encontra-se a metodologia desta pesquisa bibliográfica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que muito se tem falado a respeito do uso de diagnósticos psiquiátricos para justificar problemas de aprendizado e de comportamento. Sendo assim, é imprescindível que os professores estejam bem mais preparados, já que vão trabalhar com uma patologia na qual não faz parte da sua área.

É importante o professor conhecer o TDAH e reconhecer que essas crianças

necessitam de ajuda. Conclui-se que o papel dos profissionais da educação é fundamental para bom andamento da vida escolar do aluno portador de TDAH/H, pois eles necessitam de devida atenção educacional e pedagógica para que haja superação do problema. A lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei Nº 9.394\96 no artigo 59 preconiza que o sistema de ensino deve assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender as suas necessidades, assegura terminalidade para aqueles que não atingiram o nível exigido para conclusão do ensino fundamental em virtudes de suas deficiências e a aceleração de estudos aos superdotados para a conclusão do programa escolar.

Por fim, espera que este trabalho possa auxiliar na compreensão da relação entre TDAH e as atuais práticas pedagógicas, possibilitando uma reflexão sobre a importância do conhecimento do transtorno e os limites e desafios que o profissional de educação precisa superar juntamente com a escola e a família para ajudar na aprendizagem dessas crianças.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adriana de Andrade Gaião. **Hiperatividade**: conhecendo sua realidade. São Paulo: Casa do Psicólogo: 1ª Ed, 2005.

BENCKZIK, Edyleine B.P. **TDAH**: Atualização diagnóstica e terapêutica. 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CALIMAN, Luciana Vieira. O TDAH: entre as funções, disfunções e otimização da atenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.13, n.3, p.559-66, 2008.

CONDEMARÍN et al. **Transtorno do déficit de atenção**: estratégias para o diagnóstico e a intervenção psicoeducativa. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

CORREIA, Clarissa Tambara. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)**: entre diagnósticos e o desejado controle dos corpos. Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/716/1/2014ClarissaTambaraCorreia.pdf>>. Acesso em: 15. out. 2019.

CYPEL, Saul. **A criança com déficit de atenção e hiperatividade**: atualização para pais, professores e profissionais de saúde. 2ª Ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

GONÇALVES, Samara Cunha. **O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) no contexto escolar**: uma visão psicopedagógica. Universidade Cândido Mendes, Niterói, 2010. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n203935.pdf>. Acesso em: 15. out. 2019.

LIMA, Franciedilina Alves de Oliveira. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: entendendo melhor a criança com TDAH no contexto da escola pública.** Universidade Aberta de Brasília, Brasília, p.23, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2345/1/2011_FranciedilinaAlvesdeOliveiraLima.pdf>. Acesso em: 15. out. 2019.

MATTOS, P. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

MELLO, Gisele Ferreira Dantas de. **TDAH um desafio para pais e professores.** Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, p.31, 2009. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/g200060.pdf>. Acesso em: 15. out. 2019.

ORJALES, Isabel. Déficit de Atenção/Hiperatividade: Diagnóstico e intervenção. In: GONZÁLES, Eugênio et al. (Orgs.). **Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional.** Porto Alegre: Artmed, p.295-317, 2007.

ROHDE, Luís Augusto P; BENCZIK, Edyleine B.P. **Atenção/Hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma.** 57ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.